

Crônica retirada do livro “Mãe perfeita não tá mais se usando”, de Roberta Ferec.

VAI PARIR ASSIM LÁ EM SINGAPURA

Quando eu estava grávida da Luna, nós morávamos em uma ilha distante e pacífica chamada Singapura.

Foi minha amiga Stephanie quem recomendou o Dr. Lai, ainda bem no comecinho da gravidez. Recomendou, mas já foi logo avisando: ele é um excelente obstetra mas como pessoa deixa um pouco a desejar.

A primeira consulta durou 45 minutos, tempo suficiente para eu perceber que o Dr. Lai era o típico sujeito que nem fede e nem cheira.

Um homem morno, sabe?

Por exemplo: não demorou muito para eu perceber que ele possuía apenas uma única expressão facial, da qual se valia em toda e qualquer situação. Uma expres-

são bastante genérica; difícil dizer se aquilo era alegria ou calvário.

Também era impossível identificar se o Dr. Lai tinha cinquenta ou cento e cinquenta anos, já que os orifícios de seu rosto não me pareciam terreno fértil para rugas de expressão, as quais, como o próprio nome sugere, precisam de expressão para brotar, procriar, ser feliz. Não há ruga que sobreviva a um deserto expressivo daqueles.

Não eram raras as consultas em que eu não conseguia prestar atenção a uma só palavra que o sujeito dizia, só imaginando o quanto devia ser difícil para a esposa dele. Você casar com um homem que vive sempre com a mesma cara, na sacanagem e no velório. Isso é vida?

Outra coisa que me chamava a atenção era o seu aperto de mão flácido, daqueles em que a pessoa estaciona a própria mão na sua, empregando zero força. Você estica a mão com vontade e recebe aquela coisa mole e deslizando em troca.

Sempre me intrigou isso dessa gente que possui aperto de mão molenga. Céus, o que leva uma pessoa a

estabelecer para si esse modelo de aperto de mão tão desanimado? Preguiça? Egoísmo? Anemia?

Mas Dr. Lai tinha uma coisa enorme a seu favor: ele acreditava que era possível que eu tivesse meu tão sonhado parto normal, apesar de ter tido uma cesariana antes. Infelizmente não é todo médico que se atualiza e que topa fazer isso.

Ele era também um entusiasta do parto sem anestesia. Era entusiasta, mas lhe faltava entusiasmo o suficiente para me convencer.

- Dr. Lai, o senhor pode me dar um bom motivo para que eu abrace a ideia de um parto sem anestesia?

- Porque é melhor.

E me olhava com o mesmo entusiasmo de quem arruma uma gaveta de meias.

Final de gravidez é o momento mais indefinido da

vida de um ser humano.

Você vai dormir sem saber se aquela vai ser mais uma noite normal ou se será a noite em que o grande amor da sua vida chegará ao mundo.

Você não tem certeza se vai ter festa de Natal ou não, tudo depende de o bebê resolver ou não nascer.

Você confirma sua presença em eventos de maneira duvidosa e reticente:

- Olha, eu vou. Mas pode ser que eu não vá.

Eu já estava na quadragésima primeira semana de gravidez e resolvi tirar um cochilo vespertino.

Deito no sofá, ouço um “ploc”. Era a minha bolsa estourando.

Fiquei pensando em como raios nunca ninguém havia me contado que a bolsa fazia “ploc” ao estourar. Que sociedade é esta que não traz isso para o debate?

Crônica retirada do livro “Mãe perfeita não tá mais se usando”, de Roberta Ferec.

Achei por bem telefonar para o Dr. Lai e contar que minha bolsa havia estourado.

- Ok, Roberta. Nos encontramos no hospital - disse ele, com toda aquela paixão que lhe é peculiar.

Seguimos para o hospital cheios de otimismo. Minha filha estava finalmente a caminho.

Chegando ao hospital, eu confirmei aquilo que já haviam me dito: os hospitais em Singapura poderiam ser facilmente confundidos com hotéis cinco estrelas.

Na recepção era um tal de gente sorrindo, corada, bem-disposta, com jeito de quem está com os boletos em dia.

“Bem-vinda, senhora Ferec. Espero que aproveite a sua estadia conosco.”

Era um tratamento afetuoso porém chique.

Por isso me deu muita pena quando meu aguaceiro tomou conta daquela recepção tão bem cuidada. Por onde eu andava, deixava meus rastros amnióticos. Fiquei com tanta vergonha que a minha vontade era roubar o pano de chão da moça da limpeza e dar um tapa naquela bagunça.

Chegando ao quarto, vi que tudo estava como eu havia solicitado no meu plano de parto, entregue duas semanas antes para a enfermeira-chefe. Luz baixa, bola de pilates, flores, velas.

Amei tudo, mas com muita responsabilidade:

- Amor, dá uma olhada rapidinho se o nosso plano cobre essas velas, pelo amor de Deus. Senão a gente pede para levar embora e acende o abajur que dá no mesmo.

Naquele momento eu ainda estava sem dor, muito feliz e tagarela: cumprimentava todo mundo, abraçava enfermeira, conversava sobre a situação obstétrica brasileira, são todos cesaristas, blá- blá-blá.

Mas toda aquela simpatia estava com os minutos contados.

Enquanto eu saía para bater papo com todo mundo que avistava no corredor, a dor era ainda bastante tolerável. Até cheguei a comentar com uma enfermeira que o povo era fresco demais com esse negócio de dor, não?

Ela riu uma risada crescente, daquelas que viram gargalhada de bruxa. E saiu do quarto.

Dali em diante foi ladeira abaixo. Dor, dor, dor.

- Amor, chama o pessoal das drogas, por favor.

(Naquele momento eu ainda dizia por favor às pessoas.)

A anestesista chegou e me aplicou a anestesia. Eu não vou mentir: tive uma impressão ruim da moça, mas achei que fosse coisa da minha cabeça. Mas nunca é, não é verdade?

Passados alguns minutos da anestesia, a constatação: eu não conseguia sentir minhas pernas, mas a dor das

contrações persistia. Existe cenário mais ingrato?

- Enfermeira, por favor. Tem alguma coisa errada aqui, minha flor (menos simpatia, mais sarcasmo.)

E expliquei. E pedi que ela tirasse aquele troço imediatamente, que eu gostava das minhas pernas e precisava delas para parir.

Passado algum tempo, todo o efeito da anestesia foi embora, a enfermeira foi embora, a anestesista foi embora, mas a dor...

Ah, a dor.

Creio que o primeiro estágio da dor verdadeiramente intensa pode ser identificado por sons baixos e gemidos.

O segundo por gritos.

O terceiro por visões e alucinações. E era nesse estágio que eu estava naquele momento:

Eu vi Cristo ser crucificado.

Vi o amor nascer e ser assassinado.

Eu vi as bruxas pegando fogo pra pagarem seus pecados.

De uma Roberta pimpona e simpática, passamos para a Roberta versão exorcista.

- Enfermeira! Enfermeira! Cadê a porra da enfermeira?

- Cadê a vaca da anestesista? Tragam as drogas, tragam agora!

- Diga ao viado do meu marido que me consiga uma anestesia já! Eu exijo!

- Roberta, nós já pedimos que ela voltasse, não sei por que está demorando tanto - dizia a enfermeira.

- Está demorando tanto porque não tem coração, aquela desgraça. Chame outro anestesista, então!

- Não estamos conseguindo, Roberta, tente se acalmar.

Crônica retirada do livro “Mãe perfeita não tá mais se usando”, de Roberta Ferec.

- Pois gastem menos dinheiro naquele cacete daquela recepção e nesta merda de papel de parede e invistam mais em anestesistas! Por Deus, vocês não têm coração?

Volta a anestesista e me fura novamente. Nada, a dor insiste em não me deixar.

E é aí que eu começo o meu discurso de adoração aos anestesistas brasileiros, no melhor estilo: Temos a Amazônia! Temos as Cataratas do Iguaçu! E temos os melhores anestesistas e cesaristas do mundo!

Vinte e duas horas mais tarde e dez centímetros de dilatação depois, eu já me encontrava no quarto estágio da dor.

Aquilo já me parecia um outro lugar, um mundo completamente diferente. É um estágio em que a dor já não dói, porque cansou de doer.

Há quem chame esse lugar de partolândia. Há quem chame Woodstock, creio que pela sensação de que alguém colocou LSD no seu chá de cogumelos.

Todas as vozes pareciam distantes, mas eu consegui ler os lábios da enfermeira quando ela disse:

- O Dr. Lai chegou.

A verdade é que Dr. Lai já havia passado duas vezes para me ver. Na primeira vez eu estava muito doida da anestesia e, segundo meu marido, dizia:

- Dr. Lai, o senhor é mesmo um homem muito bonito, viu? Um médico muito bem-apegoado.

E ria, jogando a cabeça pra trás.

Já na segunda visita eu gritei pra ele me tirar dali, que meu útero estava se rompendo! Não era possível uma dor daquelas.

Ele me explicou que estava doendo assim por conta da posição do bebê, mas que os batimentos cardíacos da Luna estavam espetaculares e que aquilo significava que ela estava bem, muitíssimo bem.

Escutei aquilo tudo e fui invadida por uma incrível

Crônica retirada do livro “Mãe perfeita não tá mais se usando”, de Roberta Ferec.

vontade de chorar. Uma mistura de gratidão com uma vontade quase incontrolável de acertar-lhe as fuças inexpressivas.

- Roberta, por favor, não chore. Você vai precisar dessa energia. Respire fundo e vamos trazer a Luna. Ela está pronta e precisa de você.

E foi nessa hora que a força gigantesca veio e eu nem sei bem de onde.

Só sei que eu senti cada centímetro da minha filha chegando ao mundo.

Saiu de mim e voltou para mim, acho que nem percebeu que já não era mais eu.

Senti o calor do corpo dela e desabei num choro que durou a vida inteira.

Dizem que antes da morte a gente vê a vida passar feito um filme.

Pois eu vi esse mesmo filme passar, só que antes da vida.

Vi Luna no aniversário de um ano, Luna correndo e tomando seu primeiro banho de mar. Vi Luna na escola, e a vi chorando por terminar com o namorado. Vi Luna abraçando o irmão em um Natal qualquer e vi os dois juntos, no porta-retrato da mesa da sala.

E o choro veio, incontrolável.

Ficamos ali, eu e ela, nos olhando. O olhar do recém-nascimento há de ser o mais intenso de todo o repertório de olhares humanos. Mais do que um olhar, ele é um pacto, um reunir de almas.

Deixo escapar um riso largo de ternura, seco as lágrimas do meu rosto e permito que a ocitocina me brinde com sua nobre função de transformar biologia em amor.

- Nem acredito que eu consegui, Dr. Lai! Eu consegui!

- É verdade – disse ele - meus parabéns.

E me estende seu aperto de mão flácido, com a animação de quem já morreu.

Compre agora:

www.editoramatrescencia.com

